

○ masculino em turbulência

Sergio Eduardo Nick,¹ Rio de Janeiro

Resumo: Neste artigo, o autor propõe estudar as mudanças havidas no conceito e na formação da masculinidade na contemporaneidade. Através do estudo das variadas formas com que a masculinidade é proposta ou mesmo exercida na nossa cultura, ele chega ao conceito de masculinidade cuir (ou queer) para alinhá-lo com aquilo a que se propõe uma psicanálise clínica: a busca de um destino para a pulsão edípica que não fique apenas ancorado nos preceitos socioculturais. Sua conclusão é de que não se pode postular que essas transformações se deem num âmbito destituído de turbulências, fazendo com que o processo psicanalítico deva dar margem a que cada um desenvolva sua própria postulação do que seja o masculino em si.

Palavras-chave: masculinidade, identificação, castração, queer

Introdução

Ao pensar sobre o masculino, e, conseqüentemente, o homem, devemos nos ater, enquanto psicanalistas, na sua psicosexualidade? Sim e não. Pois, se a psicanálise, desde o princípio, demonstrou que nem o feminino se refere apenas à mulher, nem o masculino ao homem, a norma comum tende a fazer esse tipo de reducionismo. Assim, é mister pensar tanto o masculino como conceito psicanalítico quanto as formas com que ele vai se produzindo na cultura.

Sob essa perspectiva, a desconstrução das tradicionais concepções de masculino e feminino, impulsionada pela revolução cultural pós-feminista e pelas teorias psicanalíticas, fragilizou as definições tradicionais e binárias de gênero. Com isso, um número cada vez maior de gêneros vem sendo anunciado, o que motivou a adesão de muitos conservadores às agendas anti-LGBTQIA+ defendidas pela extrema direita. Logo, não nos é estranho ver tantos movimentos conservadores incentivarem uma masculinidade pura, alheia a quaisquer resquícios de feminino no ideal de homem que se quer promover. Ao entremear cultura e psicanálise, busco pensar as masculinidades atuais, de forma a ilustrar algumas das questões que nos chegam ao consultório hoje.

Neste texto, ademais de listar algumas das masculinidades já nomeadas, proponho uma ideia de masculinidade ainda pouco conhecida e discutida, que decorre de uma série de estudos sociais, culturais e psicanalíticos.

1 Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Discussão

Buscando romper com o “inquietante silêncio” sobre a sexualidade masculina (Ceccarelli, 2013, p. 84), procuro estudá-la e compreendê-la, assim como trazer à baila questões do masculino que emergem no nosso entorno social. Nesse sentido, Ceccarelli reflete sobre “como se o fato de ter um pênis constituísse em si uma garantia, espécie de salvo-conduto, permitindo a passagem ‘natural’ da fase masculina à masculinidade” (2013, p. 84). Há que se indagar como podemos ler e repensar a famosa frase de Freud (1912/1996) de que a anatomia é o destino. Hoje, conseguimos propor que a anatomia não é o destino, uma vez que a cultura vai significar e dar sentido à diferença anatômica e determinar o que seria feminino e masculino. A questão da diferença sexual demandará, portanto, uma interpretação ou, como no dizer de Herrmann (2001), uma manipulação psíquica.

De acordo com Verztman et al., a psicanálise

precisa continuar atenta sobre o impacto de binarismos sexuais datados, impostos normativamente. Apesar do seu apelo oscilante desde o início da obra de Freud, certamente tal binarismo caminha na contramão de nossos marcos fundadores, os quais afirmam a pluralidade, a imprevisibilidade e o descentramento de um percurso analítico. (2022, p. 182)

Percebemos, então, que os autores sublinham a relevância de explorar em profundidade a tríade conceitual diferença/diversidade/multiplicidade como alicerce para a escuta psicanalítica capaz de propiciar uma compreensão mais completa da distinção de gênero, sexo e Sexual (Verztman et al., 2022, p. 190). Assim, pensar a psicosexualidade como um *conundrum* (Birksted-Breen, 1993) implica alinhar a questão central da interação entre corpo e psique na psicanálise. Esse entranhamento entre vivências corporais e fantasmáticas é o que vai ensejar essa multiplicidade e diversidade própria à psicosexualidade.

Importante ressaltar que o termo Sexual, com letra maiúscula, foi cunhado por Laplanche (2003/2015), tendo sido a opção de tradução de *sexuel*, termo que aponta para algo que estaria alocado entre gênero e sexo. Segundo Laplanche,

o gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social. O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado. O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud que encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da

psicanálise. Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalçamento-simbolização do gênero pelo sexo. (p. 155)

Se a construção dos estudos sobre o gênero está alinhada com os ensinamentos freudianos acerca da identificação na formação do Eu, é crucial recordar que nossa subjetividade emerge das identificações masculina e feminina estabelecidas a partir das figuras paterna e materna. A predominância dessas identificações em cada um dos pais influencia as características do Eu em desenvolvimento, transcendendo seu sexo biológico. Ao incorporarmos o narcisismo individual, ou seja, a maneira singular com a qual cada sujeito tem de se relacionar com essas figuras parentais, obtemos um amálgama complexo e exclusivo. Adiciona-se a isso, segundo Ayouch, a “construção das identificações sexuadas, simultaneamente nos âmbitos social e biológico, visto que este remete a uma discursividade. Trata-se de uma edificação social desnaturalizada, resultante de um processo de relações, nomeadamente, relações de poder” (2019, p. 158). Ayouch ainda sugere uma integração entre o discurso psicanalítico e os estudos de gênero, visando abrir caminho para a análise tanto das transformações antropológicas da contemporaneidade quanto das reconfigurações dinâmicas concernentes às modalidades de aliança, filiação e sexuação. Sob essa perspectiva, torna-se viável promover um questionamento constante da naturalização do gênero presente em certos discursos psicanalíticos.

De acordo com Tort, a “construção metapsicológica da ‘função paterna’ resulta da projeção, na análise do funcionamento psíquico do infans, dos atributos da figura histórica do Pai do patriarcado” (2013, p. 1665). Ele faz uma crítica a essa construção da função paterna, propondo que ela termina por subjugar e rejeitar o feminino. Sua leitura acerca do “Pai do patriarcado” busca a desconstrução dessa hegemonia que, no seu entender, aparta o feminino do masculino, impedindo uma relação mais profícua entre esses dois construtos – e você verá a importância dessa afirmação na proposta de masculinidade que apresentarei adiante.

Redefinindo a questão em termos linguísticos, Lacan trabalha com a conceituação de sexos majoritariamente sintática e não semântica, ou seja, o que estaria em jogo seria a função e a relação entre o masculino e o feminino enquanto estruturas dentro de um todo e, portanto, suas definições não poderiam ser descritas, per se, enquanto significados absolutos. O “diverso” proposto pelos colegas anteriormente citados é justamente o corolário dessa relação sempre única a cada sujeito.

É com base no exposto até aqui que proponho pensar as masculinidades como matéria urgente e necessária, visto que os estudos, nas últimas décadas, se centraram na feminilidade, assimetria que pode ter a consideração

implícita de uma masculinidade essencial ou natural, ignorando a dimensão de construção dessa categoria (Muszkat, 2006).

As masculinidades

A masculinidade pode ser definida como a qualidade de masculino ou de másculo, como um conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados a meninos e homens. A masculinidade é construída socialmente, mas composta por fatores social e biologicamente definidos, distintos da definição do sexo biológico masculino. Ambos – homem e mulher – podem exibir traços e comportamentos masculinos, daí a necessidade de se pensar no gênero.

Temos, portanto, uma discussão social bastante abrangente, no mundo ocidental, sobre o papel do homem na sociedade, bem como os tipos de masculinidade existentes. Dessa forma, proponho apresentar, a seguir, alguns dos tipos de masculinidade que foram discutidos na literatura nos últimos anos.

A masculinidade hegemônica é uma proposta amplamente aceita e defendida por Connell em seu clássico estudo *Masculinities* (1995/2011). Esse tipo de masculinidade foi entendido como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas, mas, certamente, ela é normativa; incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem e exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela, além de legitimar, ideologicamente, a subordinação global das mulheres aos homens. Por outro lado, Connell e Messerschmidt propõem que

ao mesmo tempo que acolhemos muitas das aplicações e das modificações do conceito de masculinidade hegemônica como contribuições à compreensão das dinâmicas de gênero, rejeitamos aqueles usos em que ficou implícito um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos. (2013, p. 273)

Esse conceito não deve se confundir com o de masculinidade positiva, que, segundo o psicólogo Amir Thaer Asrieh, refere-se a uma masculinidade que não se restringe ao estereótipo de homem que foi alimentado por longos anos na nossa sociedade, conforme sua afirmação:

Através de um processo de desconstrução desse estereótipo, e da identificação de outras possibilidades de comportamentos e posturas diante das situações do

mundo atual, acreditamos que os homens podem buscar novas possibilidades de agir na sociedade, e que acabam levando a uma relação mais saudável do homem consigo mesmo e com o meio em que convive. (citado por “Entenda o que é ‘masculinidade positiva’”, 2019)

Críticas ao machismo e às masculinidades opressivas construíram conceitos como a masculinidade tóxica, uma forma muito tradicional de “ser homem”, recorrentemente imposta na formação de meninos e jovens, e que hoje, mais do que nunca, sabe-se que gera violência e desordem emocional não apenas para as mulheres, mas também para os próprios homens (Castro, 2018). Recentemente, essa temática apareceu com intensidade na série *Adolescência*, da plataforma Netflix, que pôs em destaque a influência das redes sociais sobre o jovem impúbere, ávido por alívio diante das jovens mulheres, já púberes, e que em geral não miram os meninos com o interesse sensual que eles desejariam obter. “Influencers” se inserem nessas redes sociais de jovens meninos para incitar a violência, a misoginia e a recusa à fragilidade, própria dessa fase do desenvolvimento.

Outro conceito decorrente dessas críticas se configura a partir do que é chamado de masculinidade frágil, a qual teria como pilar a necessidade de constante reafirmação através de um comportamento intempestivo e truculento. Sobre essa pauta, Dunker e Bonduki (2020) afirmam que a masculinidade frágil se desdobra em duas ideias contrárias: 1) aquela masculinidade que está acuada pelas transformações pelas quais passou quem está no lugar da mulher, aquela que não consegue mais encontrar o seu lugar, que não sabe qual é o roteiro/script para, de fato, se constituir como uma figura viril, aquele homem que estaria meio perdido, e portanto frágil; 2) o homem que se apresenta como excessivamente forte, que não suporta a sua própria fragilidade/vulnerabilidade, que entende essas transformações como ameaça narcísica por perda de poder, uma afronta ao seu papel oriundo da sociedade patriarcal, despertando, portanto, a sua potencial capacidade de violência. Tendo isso em vista, não podemos deixar de citar Kohut (1972/2020) e o seu conceito de fúria narcísica, que teria como sentido “to undoing hurt by whatever means”.²

Por conseguinte, o sujeito lida mal com o que percebe como incerteza, fragilidade, como uma transformação da identidade dos papéis. Ele reage exageradamente como se estivesse voltando a estereótipos que nem pertencem muito bem à nossa época. Nesse sentido, para Dunker e Bonduki (2020), a masculinidade frágil indicaria o anseio por voltar ao tempo em que havia “ordem”, hierarquia. Ela seria, assim, um efeito da violência sofrida na educação,

2 “Para desfazer a dor por qualquer meio.”

do sujeito em relação a si mesmo, da privação de afetos, da domesticação e do controle do seu corpo.

É interessante destacar que estudos atuais (Kieffer, 2008; Kusiak et al., 2019; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008) revelam que os homens que cuidam de seus filhos desde bebês desenvolvem uma capacidade empática antes pouco desenvolvida, com importantes consequências para o seu status masculino, transformando-os.

Uma nova masculinidade

Em meus passeios pelos textos de autores que publicaram recentemente sobre a masculinidade, encontrei o termo *masculinidade cuir* (ou *queer*), que remonta a meu discurso, feito em 2005, na abertura do congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em Boston, onde mencionei o conceito *queer* e fui absolutamente ignorado por todos – exceto por meu colega Marco Posadas, que, mais adiante, terminaria por ser o primeiro *chair* do Comitê de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero da IPA. O termo *queer*, na época, ainda estava fortemente ligado à ideia de algo fora da norma, ao patológico. Hoje, podemos estender o conceito *queer* às masculinidades e até, como propôs Brito (2021), naturalizá-lo para *cuir*.

Mas por que propor uma masculinidade cuir?

Perspectivas pós-estruturalistas levam alguns autores a defenderem que “a hegemonia supõe o caráter aberto e incompleto do social” (Laclau & Mouffe, 2015, p. 213). A hegemonia seria, portanto, um processo no qual determinadas condições discursivas assumiriam, num momento, o lugar do todo ou de uma verdade a ser seguida por todos. Esses discursos hegemônicos não podem ser pensados como totalmente estabelecidos, mas como aqueles que lutam para atingir um maior número de adeptos. Tais lutas não se dariam sem oposições no campo social e no interior do próprio sujeito. Desse modo, imaginar um papel fixo e preestabelecido para o homem conteria um paradoxo: se há que normatizá-lo, é por que se infere o risco dos desvios à norma.

Nesse sentido, creio que devemos nos lembrar dos quatro eixos pelos quais transitam a nossa constituição do gênero e do sexual: a identidade de gênero, a expressão do gênero, o sexo biológico e a orientação sexual. É esse *conundrum* que vai nos constituir como seres sexuados, sendo a nossa tarefa buscar harmonizar esses quatro parâmetros a fim de possibilitar um caminho para a nossa pulsão edípica. Daí decorre o termo psicosexualidade, cujas fantasias ligadas ao desejo vão possibilitar, ou não, uma satisfatória descarga sexual e o decorrente orgasmo.

Ceccarelli propõe que “devemos nos interessar nas vicissitudes pulsionais e nos processos identificatórios que subjazem determinada forma de subjetividade” (2013, p. 90). Seu mote é que a ordem simbólica não pode ser considerada imutável, com o falo como único organizador social. Em seu texto, ele defende que temos que permitir uma subjetivação própria a cada sujeito, sempre única, e não gerida por critérios de normalidade.

Rodrigues (2009) propõe que se pense na dificuldade de se formar uma identidade estável à medida que consideremos o sujeito descentrado, isto é, aquele que abriga em si um outro que o aliena. A partir da noção derridiana, Brito afirma que a

masculinidade como um indecível permite que se atribua um viés antiessencialista a seus sentidos, um movimento de deslocamento permanente, que não estabelece um lugar único e fixo para o masculino. Um deslizamento radical das solidificações e sedimentações de sentidos sobre a masculinidade. (2021, p. 6)

A teoria queer/cuir se ancora nesses postulados a fim de propor uma “instabilidade radical de sentidos para as identificações de sexo, gênero e desejo” (Brito, 2021, p. 9). Nela, a desconstrução da categoria sujeito busca alijar as definições fixas tanto do desejo como de seu objeto para pensar os caminhos de subjetivação que cada um pode tomar. Assim,

como uma nova política de gênero, a teoria queer dá sentido à centralidade da dissonância entre gênero e sexualidade, demonstrando possibilidades para que a sexualidade não seja constrangida pelo gênero, de modo a romper a causalidade reducionista de argumentos que vinculam as duas categorias e mostrar possibilidades para o gênero que não estejam predeterminadas por uma matriz heterossexual. (Butler, 2012, citada por Brito, 2021, p. 9)

A masculinidade cuir seria, portanto, aquela pensada em uma perspectiva que

reconheça significações do masculino para além do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero, racializado e classista, materializando essa performatização em corpos de sujeitos que se identificam como homens cis, trans, não binários, pretos, pardos, deficientes, de diferentes classes sociais, regionalidades, entre outras incalculáveis identificações. É reconhecer as contingências, a precariedade, a imprevisibilidade e a instabilidade com que a masculinidade é significada e materializada na contemporaneidade. (Brito, 2021, p. 10)

Visando à desestabilização de uma identidade fixa para o homem, a masculinidade cuir propõe uma amplificação do desejo como própria do ser humano. Nela, cada um poderia se descolar das normas socioculturais que o limitam, para não apenas buscar a pluralidade e a multiplicidade, mas também acolher dentro de si as inúmeras contradições identitárias que o constituem. Aqui, é possível notar como tal proposta se aproxima da formulação, já descrita acima, do Sexual (Laplanche, 2003/2015) como objeto princeps da psicanálise.

Nesse viés, Brito afirma:

A masculinidade queer/cuir/kuir se traduz em um horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino. Enuncia performatizações que jamais se cristalizam, valendo-se dessa instabilidade radical para potencializar identificações inumeráveis do masculino, almejando a desidentificação como estratégia política potencializadora para afirmar a diferença sobre as significações da masculinidade. (2021, p. 10)

Assim, alinhada àquilo que nos propomos na clínica psicanalítica, buscamos sugerir uma prática que permita que cada um possa encontrar seu objeto de desejo sem se guiar a priori pelas normas e práticas determinadas em seu entorno sociocultural, mas ancorado na complexa miríade de identificações, pulsões e nas decorrentes fantasias possíveis de serem acessadas por cada sujeito.

○ masculino em turbulência

Dentro do ponto de vista clínico, a masculinidade cuir implica a escuta do desejo possível para cada analisando. Neste sentido, é interessante citar a leitura de Birman (1998), segundo a qual toda análise deveria possibilitar a constituição de circuitos pulsionais ligados a um campo de objetos de satisfação, fazendo com que seja possível a simbolização das forças pulsionais em representantes-representação. A partir disso, constitui-se a condição sine qua non para a transformação da angústia do real em angústia do desejo, impossibilitando, pois, a instalação do horror do trauma.

Birman (1998) ainda enuncia que o grande desafio com o qual o sujeito se depara em uma análise é a possibilidade de conseguir permanecer e suportar a dor provocada pela posição de desamparo e feminilidade. Desse modo, enunciar a posição radical do sujeito – no limite do desamparo e da feminilidade – seria outra forma de formular o efeito da experiência de castração na análise. Entretanto, ao ser colocado nessa posição limite entre a vida e a morte o sujeito pode constituir efetivas possibilidades de sublimação e criação, através

da construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser, ou seja, por estilo próprio – leia-se: cuir.

O desafio maior para estabelecer tal nível de transformação na sua própria identidade sexual e de gênero é a turbulência causada por essa posição radical, ancorada no desejo e que desafia a normatização sociocultural. Perceber-se único e diferente da norma exige uma enorme coragem e determinação para o sujeito. E, a cada movimento na vida, ele terá que se deparar com as críticas, os assombros e os “cancelamentos”, tão comuns nos dias de hoje.

Lo masculino en turbulencia

Resumen: En este artículo, el autor se propone estudiar los cambios que se han producido en el concepto y formación de la masculinidad en la época contemporánea. A través del estudio de las diversas formas en que la masculinidad se propone o incluso se ejerce en nuestra cultura, llega al concepto de masculinidad cuir (o queer) para alinearlo con lo que propone el psicoanálisis clínico: la búsqueda de un destino para la pulsión edípica que no esté únicamente anclado en preceptos socioculturales. Su conclusión es que no se puede postular que estas transformaciones ocurran en un ambiente libre de turbulencias, por lo que el proceso psicoanalítico debe permitir a cada persona desarrollar su propia postulación de lo que es la masculinidad en sí misma.

Palabras clave: masculinidad, identificación, castración, queer

The masculine in turbulence

Abstract: In this article, the author proposes to study the changes that have occurred in the concept and formation of masculinity in contemporary times. Through the study of the various ways in which masculinity is proposed or even exercised in our culture, he arrives at the concept of queer masculinity to align it with what clinical psychoanalysis proposes: the search for a destination for the Oedipal drive that is not only anchored in sociocultural precepts. His conclusion is that it cannot be postulated that these transformations occur in an environment devoid of turbulence, meaning that the psychoanalytic process must allow each person to develop their own postulation of what masculinity is in itself.

Keywords: masculinity, identification, castration, queer

Le masculin en turbulence

Résumé : Dans cet article, l'auteur propose d'étudier les changements survenus dans le concept et la formation de la masculinité à l'époque contemporaine. À travers l'étude des différentes manières dont la masculinité est proposée ou même exercée dans notre culture, il arrive au concept de masculinité queer pour l'aligner sur ce que propose la psychanalyse clinique : la recherche d'une destination pour la pulsion œdipienne qui ne soit pas seulement ancrée dans des préceptes socio-culturels. Sa conclusion est qu'on ne peut pas postuler que ces transformations se produisent dans un environnement dépourvu de turbulences, ce qui signifie que le processus psychanalytique doit permettre à chaque personne de développer sa propre postulation de ce qu'est la masculinité en soi.

Mots-clés : masculinité, identification, castration, queer

Referências

- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- Bertini, M.-J. (2009). *Ni d'Ève ni d'Adam: défaire la différence des sexes*. Max Milo.
- Birksted-Breen, D. (Ed.). (1993). *The gender conundrum: contemporary psychoanalytic perspectives on femininity and masculinity*. Routledge.
- Birman, J. (1998). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.
- Brito, L. T. (2021). Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, 29(2), e79309.
- Castro, D. (2018, 4 de novembro). Ainda não sabemos se gays são bem-aceitos no vôlei, diz destaque da seleção. *Folha de São Paulo*. <https://bit.ly/2N24s3u>
- Ceccarelli, P. R. (2013). Reflexões sobre a sexualidade masculina. *Reverso*, 35(66), 83-92.
- Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/gnkmdf>
- Connell, R.W. (2011). *Masculinities* (10ª ed.) Polity Press. (Trabalho original publicado em 1995)
- Dunker, C. & Bonduki, N. (2020, 26 de agosto). *A masculinidade frágil* [Vídeo]. Facebook. <https://tinyurl.com/4j2cm9js>
- Entenda o que é “masculinidade positiva”, tema do Prêmio de Jornalismo do TJMS. (2019, 21 de novembro). *Jusbrasil*. <https://tinyurl.com/3e6pw2d5>
- Freud, S. (1996). Sobre a degradação mais generalizada da vida amorosa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Herrmann, F. (2001). *Andaimes do real: o método da psicanálise* (3ª ed.). Casa do Psicólogo.

- Kieffer, C. C. (2008). From selfobjects to mutual recognition: towards optimal responsiveness in father and daughter relationships. *Psychoanalytic Inquiry*, 28, 76-91
- Kohut, H. (1972). Thoughts on narcissism and narcissistic rage. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 27(1), 360-400.
- Kusiak, G. S., Nesi de Mello, L. T. & Andretta, I. (2019). Empatia e práticas parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos. *Aletheia*, 52(2), 8-20.
- Laclau, E. & Mouffe, C. (2015). *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. Intermeios.
- Laplanche, J. (2003). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano: 2000-2006* (V. Dresch & M. Marques, Trad.). Dublinense.
- Muszkat, S. (2006). *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. [Dissertação de mestrado]. Universidade de São Paulo.
<https://tinyurl.com/4nb647at>
- Rodrigues, C. (2009). *Coreografias do feminino*. Mulheres.
- Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Tort, M. (2013). La subjectivation patriarcale et la fonction paternelle de refus du féminin. *Revue Française de Psychanalyse*, 77(5), 1665-1673.
- Verztman, J. S., Cubria, A.C. & Navega, B. C. (2022). Diferença sexual e norma social: certas encruzilhadas para a psicanálise. In M. C. Poli, F. Costa-Moura & M. Mollica (Orgs.), *Fora do armário: a realidade sexual do inconsciente* (pp. 183-200). Appris.

Recebido em 19/5/2025, aceito em 28/5/2025

Sergio Eduardo Nick
sergionick22@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.12